

COVID-19:

Um panorama em constante mutabilidade

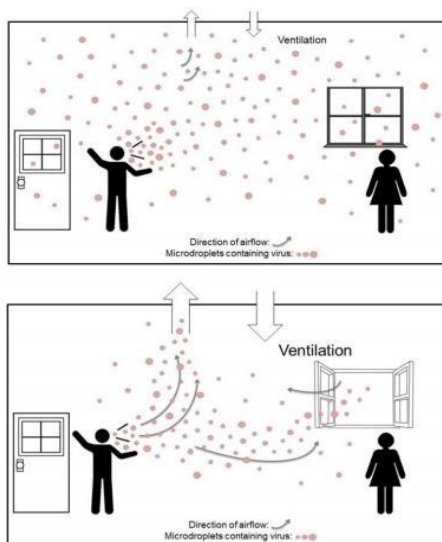
Em relação às características biológicas da COVID-19, é possível ressaltar que há um número imprevisível de informações que ainda serão adquiridas com o avanço dos estudos e da própria pandemia, pois em casos de novas doenças a ciência tem um período de observação indefinido, mas sabidamente extenso, para protocolar tanto a sintomática, quanto o tratamento e profilaxia ou mesmo comportamento do patógeno causador. O que faz do atual momento uma fase de aprendizado que exige uma resiliência social no tocante às novas práticas de convívio seguras.

Em se tratando de um vírus, ressalta-se sua predisposição à mutação genética, característica que atribui ao Novo Coronavírus um teor de risco extremamente variável. Fala-se neste caso de um patógeno que tem registradas mais de 200 mutações até o momento, o que não obriga-o a se comportar apenas mais agressivamente, podendo, em casos muito específicos, reduzir seu potencial de infecção. Porém, um relaxamento do distanciamento social –prática de extrema necessidade para controle do avanço da doença nas populações ao redor do globo.- pode pressionar mais variações nesse vírus e causar a tão temida potencialização de sua periculosidade para os humanos, baseada em uma evolução que, por sua vez, resulta da seleção (exclusão/destruição/morte) de exemplares mais frágeis, garantindo a prevalência apenas dos mais adaptados/resistentes.

A coleção dos dados provenientes da pandemia tem sido um exemplo de comprometimento e cooperação dentre nações, uma vez que profissionais da saúde vem se debruçando sobre a literatura e a observação in loco para redigir documentos no intuito de amparar o delineamento mais acertado dos protocolos de combate à essa doença de escala global.

Foi publicada em 6 de junho deste ano, na revista *Clinical Infectious Diseases*, uma carta aberta de autoria de MORAWSKA e MILTON (2020) e assinada por mais de 200 profissionais da área da saúde em que se é tratada a possibilidade de transmissão do Novo Coronavírus pelo ar a distâncias superiores às conhecidas até então, onde microscópicas gotículas de água podem manter-se suspensas no ar em uma altura equivalente à 1,5metro do

piso/chão, podendo deslocarem-se com o ar para distâncias de dezenas de metros. Situação agravada em ambientes de baixa ventilação ou com circulação de ar induzida e sem exaustão adequada. Como segue imagem extraída do documento:



Esboço de propagação do Novo Coronavírus em ambientes fechados segundo MORAWSKA e MILTON (2020).

Na última semana, seguinte à publicação do documento supracitado, a Organização Mundial da Saúde (OMS) admitiu a possibilidade de transmissão do patógeno da COVID-19 pelo ar, ressaltando a necessidade de mais estudo referentes ao assunto para avaliação de protocolos de distanciamento social e orientação para reabertura de locais de acesso público (CHADE, 2020).

Informações como essas, são alertas para a disseminação desse patógeno em ambientes fechados similares à: sala de aula das instituições de ensino infantil, fundamental, médio e superior, bares, restaurantes, cinemas, escritórios e afins. Portanto, faz-se necessária a observância do risco iminente para frequentadores desses locais.

Ato contínuo, novas informações sobre o comportamento da doença são publicados em anais de ciência, fomentando políticas de combate da mesma e manejo dos acometidos.

Deu-se no dia 29 de junho deste ano a publicação de artigo por FELDSTEIN e col (2020) que discorre sobre ocorrência de uma síndrome inflamatória multissintêmica em crianças e adolescentes dos Estados unidos da América

(EUA), com idade média de 8 anos (com confirmada incidência de COVID-19 em 70% dos casos estudados).

Dos 234 pacientes estudados, 186 constituíram a amostragem efetiva, onde deu-se: comprometimento inflamatório de sistema gástrico, circulatório ou respiratório; aneurisma da artéria coronária; necessidade de internação em terapia intensiva; intubação; terapia medicamentosa intravenosa. Além do registro de 4 mortes de pacientes entre 10 e 16 anos de idade.

No estudo foi notado que o acometimento dos pacientes pela síndrome inflamatória aconteceu após a infecção por Coronavírus (avertada e/ou confirmada). O que levanta a hipótese de uma “janela de consequência”, impossibilitando uma previsão de sua ocorrência, principalmente em casos assintomáticos.

Desde o início da pandemia de Coronavírus, excluía-se as crianças e adolescentes dos grupos de risco da COVID-19, haja vista que não manifestavam comprometimento ou mesmo sintomas da doença, ou recuperando-se com velocidade de sintomas leves.

Claramente não se pode considerar que hoje as crianças sejam um grupo de risco apenas se considerando a amostragem do estudo de FELDSTEIN e col. (2020), mas pode-se considerar como um indício de possível consequência da reativação das rotinas presenciais nas instituições de ensino, afinal, como já dito, trata-se de um momento de aprendizagem da Ciência em relação ao vírus e a doença COVID-19, onde não há garantias de nenhum cunho, ou seja, não se garante a possibilidade de uma nova manifestação da doença em um grupo até então resguardado da mesma, mas também não se garante que se trate apenas de casos isolados.

Posto isso, é possível notar que a COVID-19, ainda em seu estágio de “apresentação”, rende diariamente um material científico de extrema variabilidade e angaria cada vez mais atenção no decorrer de sua evolução, demonstrando não apenas sua adaptação à população humana, como também sua característica deletéria para ela. A pandemia que é enfrentada hoje entrará para o hall das moléstias marcam de dor a história da humanidade e revelaram os as desigualdades mais cruéis da sociedade humana.

REFERÊNCIAS:

ALBERTS, B. e col. **Fundamentos da Biologia Celular**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed. 2011. 843 p.

CHADE, J. – 2020 - **OMS admite possível transmissão do vírus pelo ar e pede novos estudos**. UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/07/09/oms-admite-possivel-transmissao-do-virus-pelo-ar-e-pede-novos-estudos.htm> Acesso em: 11.07.2020.

FELDSTEIN e col. – 2020 - **Multisystem Inflammatory Syndrome in U.S. Children and Adolescents**. The New England Journal of Medicine. *Disponível em:* https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMoa2021680?query=featured_home Acesso em: 11.07.2020

GRIFFITHS, A. J. F. e col. **Introdução a Genética**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2013. 712 p.

GUERRA, M. **Introdução à Citogenética Geral**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara KooganRJ. 2000. 142 p.

MORAWSKA, L. e MILTON, D. K. – 2020 - **It is Time to Address Airborne Transmission of COVID-19**. *Clinical Infectious Diseases*. Oxford Academic. *Disponível em:* <https://academic.oup.com/cid/article/doi/10.1093/cid/ciaa939/5867798> Acesso em: 11.07.2020